

## QUE PRESIDENTE SOU EU? A TELENOVELA COMO INSTRUMENTO DE PROPAGANDA ELEITORAL NAS ELEIÇÕES DE 1989

*Alessandro de Almeida*<sup>1</sup>

*Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida*<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta do texto é problematizar o papel da telenovela *Que rei sou eu?*, produzida e apresentada pela Rede Globo no ano de 1989 como um instrumento político que contribuiu para a eleição presidencial de Fernando Collor de Mello no mesmo ano. O intuito é perceber como os personagens ficcionais Jean Pierre (Edson Celulari) e Pichot (Tatu Gabus Mendes) possuíam, respectivamente, características similares às dos candidatos à presidência da república – Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva – e como as características desses personagens, de certo modo, alternavam-se a fim de convencer e, ao mesmo tempo, criticar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Televisão. Candidato. Mídia. Política. Propaganda.

**ABSTRACT:** The text aims to discuss the role of the soap-opera *What king am I?*, which was produced and presented by the Globo Television, in 1989, as a political means which contributed to the presidential election of Fernando Collor de Mello, in the same year. The purpose also is to realize how the fictional characters Jean Pierre (Edson Celulari) and Pichot (Tatu Gabus Mendes), respectively, showed traits similar to the presidential candidates,

---

<sup>1</sup> Doutor em História – UFU. Professor do programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura – UNB. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Literatura da Universidade Estadual de Montes Claros.

Fernando Collor de Melo and Luiz Inacio Lula da Silva, and how these characters' traits, in some way, have alternated in order to be convincing and, at the same time, to criticize.

**KEYWORDS:** TV. Candidates. Media. Politics. Propaganda.

*Acostumada aos silêncios e ao subterfúgio, a corrupção tem uma capacidade de mimetismo assombrosa; com relativa facilidade se adapta às exigências da informação e se, no passado, sua força consistia em proteger a qualquer preço a sua privacidade, agora consiste em se acomodar com cinismo à visibilidade.*

*Jesús Martín-Barbero e Germán Rey*

O ano de 1989 foi marcado por inúmeras transformações no cenário político nacional e internacional. No Brasil, após 21 anos de ditadura militar (1964-1985) e um processo de abertura política lento, a experiência de eleições diretas marcou a história do país. Em nível global, a queda do Muro de Berlim (1989) assinalou a hegemonia do capitalismo e dos avanços globalizantes pelo mundo, visto que, no mesmo ano, realizava-se nos Estados Unidos, o Consenso de Washington (1989). Essa reunião, coordenada pelos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra propunha, entre outras coisas, a expansão de produtos industrializados para a América com a imposição de posturas neoliberais que facilitariam o intercâmbio comercial entre as potências mundiais e os países latino-americanos.

O historiador Perry Anderson, em *Balanço do neoliberalismo*, argumenta que, em 1973, os Estados Unidos, a Alemanha e a Inglaterra investiram em políticas neoliberais no Chile, projeto que seria considerado como “plano piloto do neoliberalismo”. O sucesso econômico do governo de Augusto Pinochet seria o primeiro passo para posteriores investimentos na América do

Sul, intento que se concretizou a partir do ano de 1989.<sup>3</sup> Com a redemocratização vivida na maioria dos países da América do Sul, as tecnologias comunicacionais avançaram pelos países latino-americanos. No Brasil, as eleições presidenciais foram marcadas por intensa propaganda eleitoral, em que o papel da televisão foi decisivo. Nesse sentido, a prática de articular tal realidade às produções de entretenimento audiovisual como as telenovelas fez parte do cenário político brasileiro.

Jesús Martín-Barbero, ao versar sobre a cultura política da América Latina, enfatiza que as telenovelas passam a ser um sucesso de público e tornam-se, progressivamente, mais populares nas duas últimas décadas do século XX. O autor esclarece que os aparelhos televisores passam a tomar conta dos lares de inúmeros americanos e o gênero da teledramaturgia televisiva passa a compor o cotidiano de brasileiros, argentinos, mexicanos e colombianos. O papel da telenovela de proposição de debates e ativação da sensibilidade dos latino-americanos passa a ser um fundamental instrumento de análises da realidade daqueles países. Sobre a interferência das mídias na política, Martín-Barbero destaca:

A significação social das mídias está mudando. Junto com sua capacidade de representar o social e construir a atualidade, persiste a função socializadora e de formação das culturas políticas. Entrelaçadas com a história das sociedades modernas, as mídias, além de “mostrar” como vão ocorrendo às mudanças, as acompanham.<sup>4</sup>

Na perspectiva de construir a realidade, além de representá-la, a telenovela *Que rei sou eu?* cumpriu uma função eleitoreira, visto que em 1989, sobretudo no segundo turno eleitoral, eram

---

<sup>3</sup> ANDERSON, Perry. O balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.

<sup>4</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac São Paulo, 2004. p. 74.

exatamente Collor e Lula quem disputavam os votos dos eleitores. Naquele momento, as eleições tinham um empate técnico, conforme noticiado por empresas nacionais e pela BBC de Londres. Entretanto, a edição do Jornal Nacional e a telenovela da Rede Globo acabavam corroborando decisivamente para o sucesso de Collor nas eleições presidenciais. Ou seja, mesmo por meio da ficção, o papel da telenovela no cenário político brasileiro foi importante.

Atentado para a telenovela brasileira, Renato Ortiz argumenta que elas detêm um papel central na história da televisão e da cultura brasileira, priorizando o compromisso com o entretenimento e com a audiência. Ortiz salienta, ainda, que alguns autores procuram se desvincular das questões políticas e de embates sociais mais sérios, porém, enfatiza que Cassiano Gabus Mendes, por exemplo, gostava de “enfiar coisinhas” nas tramas ficcionais. Em outras palavras, as produções desse autor procuravam articular ficção com a realidade brasileira. Outro posicionamento interessante no quesito politização e didatismo nas novelas é o do diretor Daniel Filho. Renato Ortiz elucida que Daniel Filho entende as telenovelas como um instrumento para suscitar um caráter analítico nas massas populares. Esses dois posicionamentos são importantes para a compreensão da produção de *Que rei sou eu?*, na medida em que a telenovela é de autoria de Cassiano Gabus Mendes e conta com a participação de Daniel Filho como ator, representando o personagem Bergeron Bouchet, o único dos conselheiros do reino que é honesto e transforma-se em herói popular ao final da trama, no dia 15 de setembro de 1989. A postura de Daniel Filho como diretor comunga com os posicionamentos do personagem representado, sobretudo em relação à politização por meio da telenovela. No último capítulo, o personagem Bergeron Bouchet, como um típico político, discursou:

Que ninguém que olhe no espelho hoje diga eu sou um herói. Vencemos uma grande batalha, mas não somos heróis de nada. Para chegarmos lá, é preciso ainda uma grande caminhada. Uma grande luta que se segue para acabar com a demagogia. Com a exploração dos trabalhadores e com a corrupção que corre nesse país desenfreado há muitos e muitos anos. Nessa luta, usaremos

a mais temível das armas: o voto. Porque quando escolhemos por voto, nós somos os responsáveis. Somos nós que estamos indo para o poder. Portanto, temos que ficar atentos para cobrar as promessas feitas, para a redenção de nosso país. E será uma nova época para nós, um novo dia para todos. Olho no voto, meu povo.<sup>5</sup>

Vejamos como a ficção confunde-se com a realidade à medida que o personagem refere-se ao telespectador sinalizando a importância da escolha por meio do voto. Vale ressaltar que a menção do conselheiro Bergeron nada tem a ver com o contexto de Avilan, uma vez que o sistema político aí constituído é a monarquia absolutista. Sendo assim, embora tenha aspirações coerentes com a necessidade do povo, Jean Pierre assume o trono por seu privilégio hereditário, e não pelo voto. Para acentuar ainda mais o tênue limite entre a ficção e a história, a apresentação dos desafios que estavam por vir, a apologia ao sufrágio universal e o alerta sobre o cuidado com as escolhas do cidadão para “a redenção de nosso país” corroboravam com o clima de eleições diretas que marcava o Brasil em 1989.

Com base nesse pressuposto, a telenovela propõe posicionamentos políticos evidentes que sustentam nossa discussão sobre a importância de *Que rei sou eu?* para a compreensão do cenário político brasileiro sob o ponto de vista do apoio dado pela novela à propaganda política de Fernando Collor de Mello. O combate à demagogia e à corrupção e a tentativa de minimizar a exploração dos trabalhadores e a desigualdade social no reino de Avilan aproximam-se muito das produções do Horário de Propaganda Eleitoral de Fernando Collor. Os slogans de “combate aos marajás” e a preocupação com “os descamisados” confundiam-se com os discursos da ficção televisiva, visto que a telenovela foi transmitida e reprisada no ano de 1989, totalizando dez meses de apresentação naquele ano, um recorde peculiar para um ano de eleições presidenciais.

---

<sup>5</sup> Trecho extraído do último capítulo da novela *Que rei sou eu?*, apresentado no dia 15 de setembro de 1989 e reprisado no dia seguinte. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pXM5Uqdpaci>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

Em relação aos entraves que cercam as democracias pluralistas ocidentais e, sobretudo, a brasileira, Luis Felipe Miguel destaca quatro pontos que fragilizam o processo eleitoral. O primeiro seria a apatia da população, que poderia facilitar a estabilidade dos governos. O segundo é a proposta dos governantes de desenvolver os interesses próprios ligados aos cargos que ocupam, o que seria a “lei de ferro das oligarquias”. O terceiro obstáculo é o poder que alguns grupos especiais detentores do capital exercem sobre os tomadores de decisão. O último item, enfatizado pelo autor, é o fluxo das informações. A esse respeito, o autor afirma que, para ter uma decisão consciente nas eleições, seria necessário que o eleitor tivesse acesso às informações adequadas: a) quem são os candidatos, os apoios e sua trajetória; b) o mundo social, ou seja, quais são os desafios a serem enfrentados, quais as alternativas possíveis e as consequências resultantes. Miguel destaca ainda que, mesmo com as falsificações, a pluralidade das informações e das visões deve ser exposta para o conjunto de cidadãos. Para tanto, os meios de comunicação de massa exercem uma função central, principalmente em razão do declínio e descrédito dos partidos políticos no Brasil. Nesse ínterim, o papel do jornalismo faz-se fundamental. Apesar de partilharmos das ponderações do autor, entendemos que o entretenimento também exerce uma função fundamental nos processos eleitorais brasileiros, principalmente nas eleições presidenciais de 1989, em que a tecnologia, o entretenimento (sobretudo as telenovelas) e a crescente acessibilidade dos brasileiros a aparelhos de televisão tornavam o momento eleitoral particular.<sup>6</sup>

A respeito da interferência histórica das Organizações Globo nos tempos de ditadura e na redemocratização do Brasil, é conveniente lembrar:

Uma relação preliminar poderia incluir desde o papel de legitimadora do regime militar, passando pela tentativa de interferência nas eleições

---

<sup>6</sup> MIGUEL, Luis Felipe. Mídia e vínculo eleitoral: a literatura internacional e o caso brasileiro. *Opinião Pública*, Campinas, v. X, n. 1, p. 91-111, maio, 2004.

para governador do Rio de Janeiro, em 1982; pela autocensura interna na cobertura da primeira greve de petroleiros, setor considerado de segurança nacional, em 1983; pelo boicote à campanha das eleições diretas, em 1984; pela campanha de difamação contra o ex-ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel, em 1985; pela ação coordenada na Constituinte de 1987-1988; pela interferência direta na escolha do ministro da Fazenda do presidente José Sarney, em 1988; *pelo apoio a Fernando Collor de Mello expresso, sobretudo na reedição do último debate entre os candidatos no segundo turno das eleições presidenciais de 1989* e, depois, pelo apoio tardio ao movimento pelo seu *impeachment* em 1992.<sup>7</sup> (grifo nosso).

Além do apoio expresso na reedição do debate supracitado, o vínculo da Rede Globo de Televisão com as eleições de 1989 ganhou a dramaturgia e as telenovelas. Nesse contexto, vai ao ar, em 1989, a novela *Que rei sou eu?*, produzida pela Rede Globo e exibida no horário das 19 horas, entre 13 de fevereiro e 16 de setembro de 1989. Conforme o memorial da Globo, o autor da trama Cassiano Gabus Mendes havia escrito a novela em 1977, porém a emissora acreditava que aquele não era o momento ideal para a apresentação da telenovela. Diante disso, Cassiano Gabus Mendes, ao compor a novela, parece contemplar a crítica sobre a situação sócio-política do Brasil, entretanto, vê-se que, claramente, a apresentação de *Que rei sou eu?* foi utilizada, de forma intencional, pelo veículo de comunicação, com propósitos de propaganda eleitoral.

Conforme José Murilo de Carvalho, naqueles tempos de ditadura, o Brasil passava por um processo de redemocratização caracterizada pela democracia que deveria vir de forma “lenta, gradual e segura” – palavras do chefe do executivo brasileiro, na época, o militar Ernesto Geisel (1974-1979).<sup>8</sup> Roberto Marinho, apoiador declarado do golpe de 1964 e da implantação da

---

<sup>7</sup> LIMA, Venancio A. de. Globo e política: tudo a ver. In: *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 104.

<sup>8</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ditadura, beneficiou-se recebendo concessão política que permitiu a expansão de suas empresas de telecomunicação pelo Brasil. No documentário da BBC de Londres, “Muito Além do Cidadão Kane”, Marinho teve sua imagem e a projeção das organizações Globo vinculadas ao sucesso da ditadura, portanto, em 1977, ainda não seria prudente apresentar uma novela tão provocadora e crítica como *Que rei sou eu?*. Com a crise da ditadura, o papel da televisão tornou-se, progressivamente, importante nas relações políticas, pois, na falta de um regime político jurídico controlador, aqueles que receberam concessões para que controlassem as mídias massivas passavam a ser agentes decisivos das relações políticas brasileiras. Nesse viés, Leonel Brizola afirma que o empresário Roberto Marinho é uma espécie de “Stálin das telecomunicações brasileiras, quem não concordar com ele, ele manda para a Sibéria do esquecimento”.<sup>9</sup>

Leonel Brizola, em 1982, desafiou a ditadura militar e o poderio da Rede Globo de Televisão e sua grande audiência no Rio de Janeiro. O esquema para prejudicar Brizola consistia em iniciar a apuração de votos pelo interior, onde era majoritário o partido do governo. Além do apoio da Proconsult, empresa encarregada da contagem de votos que, a serviço da Rede Globo e dos militares, organizou um programa que subtraía os votos de Brizola e aumentava os de Moreira Franco. Porém, a fraude foi descoberta pelo Jornal do Brasil, que divulgava resultados completamente diferentes dos apresentados pela Rede Globo.<sup>10</sup> Cabe ressaltar que esta foi uma das principais derrotas da emissora na política nacional. Em 1989, a falta de suporte da Rede Globo fez com que Leonel Brizola, mesmo com o apoio de grande parte do colégio eleitoral carioca, perdesse as eleições para a presidência naquele ano.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Depoimento de Leonel Brizola exposto no documentário “Muito Além do Cidadão Kane”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=049U7TjOjSA>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

<sup>10</sup> LIMA, Venancio A. de. Globo e política: tudo a ver. In: *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 106.

<sup>11</sup> Segundo o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Leonel Brizola obteve 9,16%

O vigor político da Rede Globo, conforme exposto acima, também prejudicou o candidato do PT (Partido dos Trabalhadores), Luiz Inácio Lula da Silva. O Jornal Nacional editou, no segundo turno das eleições de Collor e Lula, em 1989, trechos do debate a fim de prejudicar o candidato do PT. Na ficção, a telenovela *Que rei sou eu?* apresentava o personagem Pichot, interpretado pelo ator Tatu Gabus Mendes, vilão cujas características aproximavam-se da imagem política de Lula, projetada na campanha eleitoral de seus adversários, sobretudo Fernando Collor de Mello. Remontando ao contexto das vésperas da Revolução Francesa (1789) na trilha ficcional, o mendigo Pichot, na ausência de um sucessor do trono de Petrus II, é apoiado pelos conselheiros da coroa. Em 1786, o Reino de Avilan estava corroído pela corrupção, opressão e injustiças sociais. As revoltas sociais proliferavam-se e, nesse cenário, o bruxo Ravengar (Antônio Abujamra) apoia a subida do mendigo ao poder. A trajetória de um popular assumindo o poder e sendo subjugado pelos interesses de corruptos, opressores e vilões pode ser, propositadamente, associada à carreira política de Luiz Inácio Lula da Silva. Visto que, constantemente, Collor acusava Lula de ser corrupto e de estar associado a um partido que apoiava a tirania e a violência, é prudente lembrar que estas eram características centrais do personagem Pichot na trama televisiva.

Em relação à opressão e à tirania, o candidato do PT tinha sua imagem associada ao socialismo real, que se via em crise em 1989. A subida de Lula ao poder, assim como foi a de Pichot na ficção, poderia legitimar a opressão e ofuscar a liberdade almejada por grande parte da população brasileira, após os longos 21 anos de ditadura militar. A seleção feita pelo Jornal Nacional, após o debate de Collor e Lula no segundo turno das eleições de 1989, apresentou, em sua abertura, o discurso de Lula tentando associar a trajetória do PT à liberdade, enquanto Collor enfatizava que o candidato Lula estava ligado a forças estranhas à democracia,

---

dos votos nas eleições de 1989 para presidência da República. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

vinculadas ao marxismo, que se opunham à Carta Constitucional de 1988. Cabe ressaltar, novamente, que a Rede Globo endossou a construção da Carta Constitucional, enquanto o PT posicionou-se contrário à Constituição, por considerar que esta não trazia muitos avanços no tocante à reforma agrária.

Outro item abordado por Collor em seus discursos contra Lula diz respeito à violência na campanha eleitoral proposta pelo PT. Collor afirmou ter sido agredido por baderneiros do PT, posicionando Lula como vilão. No âmbito da ficção, lembramos que o personagem Pichot era também constantemente associado a atos de violência, principalmente com o uso abusivo da guilhotina e da masmorra do Reino de Avilan. Na campanha política, Collor chegou a afirmar que uma jogadora de basquete, apoiadora de sua campanha, fora agredida por “seis marmanjos que pleiteiam a bandeira vermelha com a foice e o martelo do PT” e questionou: “isto é uma atitude democrática?”.<sup>12</sup> O discurso de Collor, mais uma vez, associava o candidato Lula à antidemocracia e à opressão, características marcantes do personagem Pichot, na novela *Que rei sou eu?*. É sabido que a programação da Rede Globo, sobretudo as telenovelas, têm temáticas articuladas aos jornais da emissora.

Em relação à corrupção, Collor afirmou que, segundo Leonel Brizola, o candidato a vice-presidente de Lula era corrupto. Então, perguntou a Lula sobre o caso no debate travado pelo Jornal Nacional. Sempre respondendo às acusações do candidato Collor, Lula foi relativamente “infeliz” na resposta e explicou que não havia pedido a Brizola para ser amigo de José Paulo Bisol, afirmando que o objetivo maior era ganhar as eleições. Collor então afirmou:

É rigorosamente inacreditável. O ex-governador Leonel Brizola chama o candidato a vice de meu adversário de corrupto e o

---

<sup>12</sup> Trechos escolhidos pela produção do Jornal Nacional referentes ao debate do segundo turno proferido pelos candidatos à presidência da República Fernando Collor de Mello, do Partido de Renovação Nacional, e Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, que disputavam as eleições em 1989. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rJ3rudZ2odA&feature=related>>. Acesso em: 23 jul. 2012.

candidato acha perfeitamente normal, apenas pede aos dois que não se digladiem, não se xinguem nesse período para tirar proveitos eleitorais, para que não afete a questão eleitoreira.<sup>13</sup>

Assim, em relação a acordos políticos, Lula, como o personagem Pichot, era acusado de associação a políticos corruptos, enquanto Collor se configurou como o “caçador de marajás”, *slogan* de sua campanha eleitoral. O receio dos eleitores de votarem em um candidato que pudesse estar associado à corrupção estava articulado à ficção apresentada pela telenovela e à fragilidade do caráter do personagem pobre e barbudo apelidado de Pichot. Assim, a candidatura de Lula foi associada à opressão e à corrupção, temores dos brasileiros nos momentos que antecediam as eleições em 1989.

Outro ponto interessante diz respeito à vinculação de Pichot à bruxaria e à magia negra, representadas, na telenovela, pelo personagem Ravengar (Antonio Abujamra). Constantemente, Fernando Collor de Mello acusava o PT de ser totalitário e anticristão. Para atacar os princípios morais de Lula, no último programa da campanha eleitoral de Fernando Collor na televisão, enfatizou-se um problema da vida privada de seu rival político. Foi apresentado o depoimento de Miriam Cordeiro, ex-mulher de Lula, afirmando que “não apoiaria um homem que ofereceu a ela dinheiro para abortar uma filha dele”.

Vale lembrar que o combate ao aborto é um dos principais *slogans* cristãos, sobretudo dos católicos. Miriam acusou Lula também de adultério, afirmando que o candidato, propusera a ela um relacionamento extraconjugal, visto que ele já era casado e tinha um filho com sua esposa – o que configurava, então, a tentativa de adultério que, conjugada ao aborto, fertilizariam a ideia de que Lula era um mau cristão. Miriam afirmou ainda que Lula não fazia negociações na luz do dia, como dizia, mas, “faz

---

<sup>13</sup> Trechos escolhidos pela produção do Jornal Nacional referentes ao debate do segundo turno proferido pelos candidatos à presidência da República Fernando Collor de Mello, do Partido de Renovação Nacional, e Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, que disputavam as eleições em 1989. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rJ3rudZ2odA&feature=related>>. Acesso em: 23 jul. 2012.

negociações na calada da noite, como fez comigo”,<sup>14</sup> além de acusar o candidato opositor de Collor de ser racista e “não suportar negro”. No percurso do depoimento, um narrador pede proteção a Miriam, afirmando que Lula e seus amigos poderiam aterrorizar a vida daquela mulher corajosa.<sup>15</sup> O discurso associa Lula à maldade, premissa que aproxima a imagem de Lula à do malévolo Ravengar. Os vínculos aos vícios na ficção associavam-se, mais uma vez, à construção da imagem negativa de Lula, aproximando seus atos das práticas e ações de Pichot que eram conduzidas por um bruxo. Salienta-se que o imaginário cristão católico nacional é vinculado frequentemente ao combate à bruxaria que, na novela, apresenta-se com grande ênfase na figura de Ravengar.

Por outro lado, no livro *Fernando Collor: o discurso messiânico, o clamor ao sagrado* – Olga Tavares argumenta que a campanha eleitoral do candidato do PRN foi marcada por um apelo excessivo ao imaginário popular cristão dos brasileiros. O ambiente de abertura política e de esperança foi profícuo para a construção da imagem de um “salvador da pátria”, pautado pela fé cristã. Para a construção positiva de sua imagem, o próprio Fernando Collor de Mello, no dia 26 de setembro de 1989, discursou:

Minha gente, o reino de Avilan declarou guerra contra mim e minha candidatura. Reino dos corruptos, dos ladrões, dos especuladores, dos sonegadores, o reino dos marajás, com calúnias, com difamações, com infâmias, com mentiras, com inverdades, porque eles sabem que estou chegando à presidência da República. Eu não defenderei os interesses deles, eu estarei defendendo, sim, os interesses de você, trabalhador, de você que machuca a sua mão no âmagô da terra, de você descamisado, de você que está recebendo um salário indigno, de você que não tem educação.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Depoimento de Miriam Cordeiro transmitido no Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita do candidato à presidência da República Fernando Collor de Mello em 1989. Miriam é identificada como ex-mulher do candidato à presidência da República pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZPauNhdLsgA>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

<sup>15</sup> Depoimento de Miriam Cordeiro. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZPauNhdLsgA>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

<sup>16</sup> Discurso proferido no Horário de Propaganda Eleitoral Gratuito, em todas

O próprio candidato à presidência Fernando Collor de Mello associa os problemas do Reino de Avilan a seus opositores políticos. Nesse sentido, a ficção compõe objetivamente a propaganda política eleitoral, tornando-se um recurso de retórica e de linguagem popular, visto que a telenovela foi de grande sucesso em 1989, sendo exclusivamente, ou talvez politicamente, reprisada no mesmo ano. O sucesso da novela corrobora para o sucesso da campanha de Fernando Collor de Mello que, naquele ano, seria vitorioso no processo eleitoral. Lembramos que, na telenovela, os corruptos se associaram a Pichot, representação de Lula, enquanto o mocinho Jean Pierre tinha ações e discursos similares aos de Fernando Collor de Mello. A batalha do bem contra o mal, representada na ficção, estava mesclada com os embates políticos vividos por Fernando Collor de Mello, situação na qual o apelo ao popular pode ter tido uma eficácia igual, articulada, ou até superior às artimanhas conduzidas pela programação da Rede Globo em seus noticiários jornalísticos.

É conveniente salientar que, em sua primeira apresentação, a telenovela *Que rei sou eu?* teve seu último capítulo apresentado no dia 15 de setembro de 1989, ou seja, 11 dias depois, o candidato Fernando Collor de Mello se apropria do imaginário popular e do sucesso da novela para se dizer um “guerreiro” contra as mazelas do Reino de Avilan. Porém, entre outubro e dezembro de 1989, a telenovela foi reapresentada em compacto de 70 capítulos. Ou seja, no principal ano eleitoral brasileiro, a telenovela é (re) apresentada interferindo nas decisões e associações possíveis do eleitorado. A esse respeito, Bruno Filippo, no dia 17 de julho de 2012, enfatizou que:

A reexibição de *Que rei sou eu?*, mantendo-a no ar por dez meses e meio em um ano eleitoral histórico, alimentou, à esquerda e à direita, a suspeita de que a Rede Globo se utilizava da telenovela para infundir mensagens subliminares. Se havia insatisfação de

---

as redes de televisão do país, por exigência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), realizado no dia 26 de setembro de 1989.

conservadores temerosos de que o assalto ao palácio se tornasse assalto ao Planalto, houve quem visse em Jean Pierre, adônis apolíneo portador de virtudes morais e enunciador de discurso de combate à corrupção e à pobreza, a efigie de Fernando Collor, que se apresentava como “caçador de marajás”.<sup>17</sup>

Segundo Bruno Filippo, o próprio autor Cassiano Gabus Mendes afirma que a população tendia a associar o ficcional Jean Pierre a Fernando Collor de Mello, por ele ser o candidato mais moço e que mais impressionava. As próprias chamadas de reprise da emissora, considerada pelo autor da novela como inoportunas, diziam: “Conheça os marajás do Reino de Avilan”.<sup>18</sup>

Com discursos e ações similares às propostas de Fernando Collor de Mello, o personagem Jean Pierre (Edson Celulari) lutava contra Pichot, pois o jovem era o filho legítimo de Petrus II e almejava assumir o trono do Reino de Avilan. O herói, junto aos revoltosos, lutava pela justiça, pela liberdade, pelo combate à corrupção e às desigualdades sociais. A paródia de Cassiano Gabus Mendes, além de destacar as mazelas brasileiras, associando-as à crise do Reino de Avilan, representava um instrumento indireto de persuasão e de propaganda eleitoral para o candidato Collor, que dizia lutar pelos descamisados e contra os marajás. Tal discurso comungava com as ações de Jean Pierre na trama televisiva. A imagem jovial de Edson Celulari, intérprete de Jean Pierre, era parecida com a imagem de Collor, tanto do ponto de vista físico, quanto das ações dos personagens que marcaram o cenário político e o ambiente eleitoral de 1989.

Os showmícios, um dos grandes focos da campanha eleitoral de 1989, eram noticiados pela televisão e chamavam a atenção do povo para o movimento eleitoral. A maioria do eleitorado brasileiro tinha acesso àquele bem de consumo.

---

<sup>17</sup> FILIPPO, Bruno. A originalidade de “Que rei sou eu?”. *Observatório de imprensa*, ano 16, n. 704, 17/27 jul. 2012. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed703\\_a\\_originalidade\\_de\\_que\\_rei\\_sou\\_eu](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed703_a_originalidade_de_que_rei_sou_eu)>. Acesso em: 27 jul. 2012.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

Eram 28 milhões de aparelhos em todo o país e cerca de 80 milhões de eleitores ligados nos acontecimentos políticos e nas andanças dos candidatos. Ou seja, a televisão pautava as escolhas pessoais dos cidadãos de uma maneira jamais vista na política nacional. Diante das tecnologias comunicacionais televisivas, a imagem de Fernando Collor de Mello se caracterizava por um olhar direto na câmera, no intuito de privilegiar a fala e colocar-se frente a frente com o eleitor. O caráter performático de Collor se assemelhava ao de um ator e de um pregador.<sup>19</sup> Da mesma forma, no dia 15 de setembro de 1989, no último capítulo da novela *Que rei sou eu?*, Jean Pierre utilizava recursos de imagem similares aos de Fernando Collor de Mello, tais como olhar direto e firme na câmera com o propósito de impressionar o telespectador com a convicção de seus atos e de suas ideias. Ainda sobre essa aproximação, vale acrescentar que tanto o candidato quanto o personagem visavam sensibilizar seu receptor por meio de discursos ufanistas.

Atentando para a aproximação entre a ficção e a história, convém anotar que o candidato também parece contracenar naquele teatro eleitoral. Dessa forma, tendo em vista o futuro do país naquele mandato, o “caçador de marajás”, assim como o personagem televisivo, torna-se uma forma de representação. Nesse sentido, o candidato é também uma forma de ator personagem. Aproximando ainda mais a arte da realidade, recorremos ao crítico Antonio Candido,<sup>20</sup> que, pensando acerca da gênese das personagens, ressalta que tanto as diferenças quanto as afinidades entre o ser vivo e o ser fictício são importantes para criar o sentimento de verdade do objeto ficcional. O conhecimento que temos do ser vivo e da personagem é fragmentado. Apropriando-nos das ideias de Candido sobre a leitura do romance, podemos notar que, com base nesse pensamento, é

---

<sup>19</sup> TAVARES, Olga. *Fernando Collor: o discurso messiânico – O clamor ao sagrado*. São Paulo: Annablume, 1994. p. 63.

<sup>20</sup> CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

possível analisar melhor a criação dos elementos da telenovela como meio de manifestação artística. Pensando a criação tanto do personagem televisivo quanto do candidato personagem, ressalta-se que ambos apresentam uma visão muito fragmentada de sua existência. Ao estreitar ainda mais a relação entre a criatura ficcional e o candidato, vê-se que essa fragmentação é criada racionalmente a fim de delimitar o conhecimento do outro. Essa delimitação é proporcionada na medida em que nos é permitido formar uma ideia completa da criação fictícia por meio de gestos, vestimentas, comportamentos, aspectos físicos.

Com base nesses pressupostos, os dois, Jean Pierre e Fernando Collor de Mello, o primeiro por meio de seu escritor, utilizam esses elementos a fim de revelar uma identidade parcial, um a seu telespectador, o outro ao eleitor. Experimentando um pouco mais as discussões teóricas do crítico e sociólogo Antonio Candido, este acrescenta que o ser fictício é mais lógico que o ser vivo, pois “o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser”.<sup>21</sup> Portanto, a compreensão da criatura artística, embora complexa, é mais precisa do que a que nos vem da existência, pois conhecemos o sujeito do exterior, mas a personagem pode ser vista de dentro, por meio da ação de seu escritor. No caso do candidato, o eleitor conhece aquilo que, propositadamente, foi-lhe apresentado.

Para maior esclarecimento dessa diferenciação entre a criatura real e a criatura ficcional, recorreremos ainda aos mesmos estudos de Candido, com o propósito de distinguir o *Homo fictus* e o *Homo sapiens*. O *Homo fictus* é uma construção intencional do autor, já que diz pouco ou quase nada da complexidade do ser humano: pode ou não refletir algumas características do *Homo sapiens*. Como explicamos, durante algumas entrevistas os candidatos mesclavam dados eleitorais com as informações da vida pessoal de seu opositor. Nesse sentido, para dar o sentimento de verdade as suas criações – tanto para a criação da personagem

---

<sup>21</sup> CANDIDO, 2005, p. 59.

novelesca quanto para a que o candidato manipula –, reproduz ou inventa a personagem a fim de construir a ilusão da verdade. Dessa forma, a ambiguidade reside no fato de essas criaturas não corresponderem a pessoas vivas, mas nascerem delas.

Segundo Olga Tavares, todos os discursos do candidato Collor de Mello terminavam com a frase “agora chegou a nossa vez”. Pressuposto que, com a “caça aos marajás do Reino de Avilan” e com o apoio aos descamisados, era muito parecido com o último discurso proferido pelo personagem Jean Pierre, em que ele arguiu:

Vencemos, minha gente! Temos o domínio da coroa! Estamos saindo da minoridade. A partir de hoje, Avilan será um novo país, porque todos nós vamos reconstruir. Agora, aqui, vamos instaurar a dignidade e a honra. Meu lema: justiça! Justiça para os que trabalham, justiça para os miseráveis – e também justiça para aqueles que exploram o povo. Não vai ser fácil, vamos enfrentar muitos obstáculos pela frente, mas eu vou acabar com a ganância nas elites de Avilan e ninguém vai mais explorar o trabalho do povo. A justiça será para todos, e principalmente para aqueles que sempre trabalharam e doaram seu sangue, seu suor, sua juventude nos campos e nas cidades e nunca tiveram isso reconhecido. É a justiça! A justiça: o único caminho para a maioria. Eu quero que todos vocês agora, camponeses, operários, todos vocês, gritem comigo: Viva o Brasil!... Viva o Brasil! Viva o Brasil! Viva o Brasil! Viva o Brasil!<sup>22</sup>

Mais uma vez, a aproximação entre o candidato e o personagem fica latente pela expressão “minha gente”, dita no excerto acima e reiterada nas pronúncias do candidato Collor. “Viva o Brasil”, os gritos de Jean Pierre transformavam a ficção em realidade. O personagem, nesse momento, não mais se referiu ao ficcional reino de Avilan, mas voltou o olhar para fora dos limites

---

<sup>22</sup> Trecho extraído do último capítulo da novela *Que rei sou eu?* apresentado no dia 15 de setembro de 1989, reprisado no dia seguinte. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pXM5Uqdpaci>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

da arte, isto é, com essa atitude, o artista realça a situação social e política brasileira. Segundo José Murilo de Carvalho, o ano de 1989 foi marcado por uma euforia proveniente, em especial, da campanha das Diretas Já (1984), pelas vitórias conseguidas com a Carta Constituinte (1988) e, principalmente, pelas eleições presidenciais de 1989. Argumentou, portanto, que “As eleições diretas, aguardadas como salvação nacional, resultaram na escolha de um presidente despreparado, autoritário, messiânico e sem apoio político do Congresso”.<sup>23</sup> O historiador define ainda a personalidade de Collor como megalomaníaca e arrogante. Diferente do ufanismo da campanha eleitoral e do discurso de Jean Pierre no último capítulo da novela *Que rei sou eu?*, o voto e a eleição de Collor agravaram os problemas vividos no Brasil.

Com essas estratégias, Fernando Collor foi eleito e, dois anos depois, em 1992, a Rede Globo de Televisão, que contribuiu direta e indiretamente para o sucesso eleitoral de Collor, apoiou seu processo de *impeachment*. De modo diverso à comparação até então estabelecida, Collor, após seu momento de glória, torna-se agora mais parecido com Pichot, isto é, após o acesso ao poder, foi destronado de seu “Reino de Avilan”. Assim, as mazelas vividas pelo Brasil nos anos subseqüentes ainda poderiam nortear inúmeras outras tramas ficcionais e impactar a realidade política e social brasileira. Contudo, é possível salientar que o presidente Collor foi um líder executivo com uma propaganda midiática bem elaborada, com aliados políticos importantes em sua campanha, porém revelou-se, assim como o ficcional Pichot, intimamente envolvido com a corrupção do Reino de Avilan, ou melhor, do Brasil.

---

<sup>23</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 204.